

Coesão e Coerência Textuais

Texto

Capítulo XIV

Quando o testamento foi aberto, Rubião quase caiu para trás. Adivinhais por quê. Era nomeado herdeiro universal do testador. Não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte, uma em Barbacena, escravos, apólices, ações do Banco do Brasil e de outras instituições, jóias, dinheiro amoldado, livros, — tudo finalmente passava às mãos do Rubião, sem desvios, sem deixas a nenhuma pessoa, nem esmolas, nem dívidas. Uma só condição havia no testamento, a de guardar o herdeiro consigo o seu pobre cachorro Quincas Borba, nome que lhe deu por motivo da grande afeição que lhe tinha. Exigia do dito Rubião que o tratasse como se fosse a ele próprio testador, nada poupando em seu benefício, resguardando-o de moléstias, de fugas, de roubo ou de morte que lhe quisessem dar por maldade; cuidar finalmente como se cão não fosse, mas pessoa humana. Item, impunha-lhe a condição, quando morresse o cachorro, de lhe dar sepultura decente em terreno próprio, que cobriria de flores e plantas cheirosas; e mais desenterraria os ossos do dito cachorro, quando fosse tempo idôneo, e os recolheria a uma urna de madeira preciosa para depositá-los no lugar mais honrado da casa.

Capítulo XV

Tal era a cláusula. Rubião achou-a natural, posto que só tivesse pensamento para cuidar na herança. Espreitara uma deixa, e sai-lhe do testamento a massa toda dos bens. Não podia acabar de crer; foi preciso que lhe apegassem muito as mãos, com força, — a força dos parabéns —, para não supor que era mentira.

— Sim, senhor, lavre um tento, dizia-lhe o dono da farmácia que ministrara os remédios ao Quincas Borba.

Herdeiro já era muito; mas universal... Esta palavra inchava as bochechas à herança. Herdeiro de tudo, nem uma colherinha menos. E quanto seria tudo? ia ele pensando. Casas, apólices, ações, escravos, roupa, louça, alguns quadros, que ele teria na Corte, porque era homem de muito gosto, tratava de cousas de arte com grande saber. E livros? Devia ter muitos livros, citava muitos deles. Mas em quanto andaria tudo? Cem contos? Talvez duzentos. Era possível; trezentos mesmo não havia que admirar. Trezentos contos! Trezentos! E o Rubião tinha ímpetos de dançar na rua. Depois aquietava-se; duzentos que fossem, ou cem, era um sonho que Deus Nosso Senhor lhe dava, mas um sonho cumprido, para não acabar mais.

(ASSIS, Machado de. Quincas Borba. São Paulo: Globo, 2008, pp.65-66.)

1. Mantendo-se fiel ao sentido original, reescreva o seguinte trecho extraído do Texto 2, de acordo com o novo começo indicado.

“Desenterraria os ossos do dito cachorro, quando fosse tempo idôneo, e os recolheria a uma urna de madeira preciosa”

Recolheria os ossos...

A palavra item, no primeiro parágrafo do Texto 2 (linha 8), funciona como um sinal de coesão,

marcando a relação entre o período que introduz e o anterior. Levando em conta essa relação, indique outra expressão coesiva que possa substituir item nesse contexto.

Passe para o futuro a seguinte frase extraída do texto 2 (linhas 13-14):

Foi preciso que lhe apegassem muito as mãos, com força – a força dos parabéns.

2. TEXTO II



MEMÓRIAS NUNCA PÓSTUMAS DE UM VAMPIRO FERNANDO CEYLÃO

Outro dia conheci um professor de teatro inglês que dá aula em Laranjeiras. Nasceu em Londres, mas atualmente é morador do Cosme Velho, que é pra poder ir a pé pras aulas. É impressionante só conseguir reparar no outro os nossos próprios defeitos, mas foi olhando pro professor que pensei que pra um inglês resolver mexer com negócio de teatro num país como o Brasil, ele só pode ter fugido da sua pátria. É como um brasileiro nascer com o dom do samba e pensar, “Ah, quer saber? É na Suíça que eu vou desenvolver de verdade esse meu talento. Fui”.

Sempre dormi mal. Durmo de dia. Um calor! Em 1902 inventaram o ar condicionado, mas só em 1967 comprei o meu primeiro aparelho. Nessa altura já tinha vivido mais da metade da minha existência (até aqui). Meu organismo acostumou. Suo a 17 graus.

Acordo e passo as noites andando por aí, de bobeira. Às vezes fico no Facebook, aí posto umas coisas no Twitter. Sou o @realvampiro, me segue lá. Já pensei em aproveitar que meu sangue não me deixa envelhecer e faturar em cima disso. Minha mordida é mais eficiente que o botox. Podia abrir uma clínica e morder pescoços de gente que quer ficar jovem pra sempre. Mas sou ruim com a parte burocrática da coisa, fico só na ideia. Lembra da música do Alphaville, “Forever young”? Então, eles fizeram pra mim. Eu me ofereci pra mordê-los, eles não quiseram. Hoje tão aí, velhos e sem banda.

Eu me perco, não repare. É muita coisa na cabeça. São 200 anos de memórias. A princípio a vida eterna parece ótima mas depois entendemos como é sofrido não descansar jamais. Pergunta pra Hebe. A única coisa realmente clara no meu pensamento é a lista de mulheres que tiveram a vida destruída por mim. Catherine foi a primeira. Catherine Earnshaw. Inglesa danada. Depois fui pra França dar um tempo. Bovary Louca. Um grande amigo vivia me dizendo, “você tem que experimentar as russas”. Ele tinha razão. Anna Karenina, pra sempre “minha Aninha”, tá no topo de uma enorme lista.

Ainda é cedo pra você, leitor, saber o que me fez fugir pro Brasil. Vamos nos ater à lista. Depois prometo me aprofundar em cada fato, mas agora obcequei na lista. Bahia. Ali foi loucura. Gabriela, Dona Flor, Tieta, Teresa Batista. Todas acabaram passando pela Globo, e ainda bem que naquela altura não existiam a “Caras” e o site Ego. Preciso do anonimato pra seguir.

Mas teve uma única mulher que eu deixei viver. Pra sempre, claro. Você já entendeu o meu esquema, né? Entre matá-la, como as outras, ou apresentá-la à eternidade, fiquei com a segunda opção. Hoje ela vaga por aí, nunca mais nos falamos. Não lembro mais do seu rosto, ironicamente esqueci os traços do meu maior amor. Mas posso reconhecê-la pelo olhar, esse mesmo olhar que eu carrego há séculos. Inescrutável. Eu sempre quis usar essa palavra: inescrutável. E é por ela que pretendo começar esse livro. Começar e terminar. De certa forma tudo está ligado a ela, Capitu.

Quando nos conhecemos, ela ainda não morava no Brasil...

Magazine, O Globo, 20/04/2010.

- a) O Texto II (Memórias nunca póstumas de um vampiro) exemplifica vários registros de língua coloquial. Transcreva dois (2) exemplos diferentes e reescreva-os em registro padrão.
- b) O Português do Brasil ainda dispõe de duas possibilidades de regência para o verbo “lembrar”, com o sentido mais usual, de “vir à memória”, diferentes da empregada em: “Não lembro mais do seu rosto...” (Texto II, linha 36). Reescreva a frase segundo as duas outras possibilidades de regência.

3. TEXTO III

João, o telegrafista
João telegrafista. Nunca mais
que isso, estaçãozinha pobre
havia mais árvores pássaros que
pessoas.
Só tinha coração urgente. Embora sem
nenhuma promoção.
A bater a bater sua única tecla.
Elíptico, como todo
telegrafista.
Cortando flores preposições

para encurtar palavras,
para ser breve na necessidade.
Conheceu Dalva uma Dalva não alva
Sequer matutina
mas jambo, morena.
Que um dia fugiu – único dia em
que foi matutina – para ir morar
cidade grande cheia luzes joias.
História viva, urgente.
Ah, inutilidade alfabeto Morse nas
mãos João telegrafista procurar
procurar Dalva
todo mundo servido telégrafo. Ah,
quando envelhece,
como é dolorosa urgência!

João telegrafista
nunca mais que isso, urgente.

II

Por suas mãos passou mundo, mundo
que o fez urgente, elíptico, apressado,
cifrado.

Passou preço do café. Passou amor
Eduardo VIII, hoje duque Windsor.

Passou calma ingleses sob chuva de
fogo. Passou sensação primeira
bomba voadora.

Passaram gafanhotos chineses, flores
catástrofes.

Mas, entre todas as coisas, passou
notícia casamento Dalva com outro.

João telegrafista
o de coração urgente não
disse palavra, apenas três andorinhas pretas
(sem a mais mínima sensação simbólica) pousaram
sobre
seu soluço telegráfico.

Um soluço sem endereço – Dalva – e urgente.

(RICARDO, Cassiano. Poemas Murais. São Paulo: José Olympio Editora, 1950.)



Juarez Machado

Vocabulário

Telegrafia s. f. **1** processo de telecomunicações que transmite textos escritos (telegramas) por meio de um código de sinais (código Morse), através de fios (...).

Telegráfico adj. **1** relativo a telégrafo ou à telegrafia **2** transmitido ou recebido pelo telégrafo **3** relativo a telegrama; semelhante a um telegrama **4** fig. Muito conciso, condensado, muito lacônico (...).

(HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.)

Código Morse. Primeiro estágio das comunicações digitais; uma forma de código binário em que todos os caracteres estão codificados como pontos e traços.

O escritor Gustavo Bernardo afirma que “toda linguagem é simultaneamente pletórica (abundante) e insuficiente”.

(BERNARDO, G. *O livro da metaficção*. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.)

Relacionando a afirmativa acima à coesão e à coerência, **descreva**, com foco em repetições e ausências, como se estabelece a conectividade textual no poema de Cassiano Ricardo.

4. *Sinal fechado*

(...)

a) Me perdoe a pressa,
é a alma dos nossos negócios...
Oh, não tem de quê,
eu também só ando a cem... (...)
Tanta coisa que eu tinha a dizer, mas eu
sumi na poeira das ruas...
Eu também tenho algo a dizer, mas me
foge à lembrança...
Por favor, telefone, eu preciso beber
alguma coisa rapidamente...
Pra semana...
O sinal...
Eu procuro você...
Vai abrir! Vai abrir!
Prometo, não esqueço...
Por favor, não esqueça...
Não esqueço, não esqueço...
Adeus...

Paulinho da Viola.

O uso reiterado das reticências na letra da canção denota o propósito de marcar, na escrita,
a) as interrupções que ocorreram na breve e apressada conversa.

- b) a ausência de interesse das personagens em dialogar.
- c) a supressão de falas que poderiam parecer agressivas.
- d) a enumeração de acontecimentos que deram origem ao encontro.
- e) as omissões de fatos relevantes que as personagens decidem ocultar.

5. Reescreva duas vezes a segunda oração do período abaixo, substituindo o verbo “**viver**” por cada um dos seguintes verbos:

a) lidar

b) depender

“Ele é nossa principal tecnologia social, por meio da qual vivemos hoje.”

c) Pontue o período a seguir, empregando apenas um sinal de vírgula e um de dois pontos.

É aquela velha história se você coloca coisas caras em casa vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas.

6. No gênero publicitário há diversas estratégias enunciativas verbais e não-verbais que criam um clima de confiança para o convencimento do leitor, associando o produto anunciado a um modo de ser e de estar no mundo.



Depreenda do texto publicitário acima duas estratégias textuais usadas para o convencimento do leitor. O pronome “isso” aponta e resume a crítica que o locutor faz à atitude do governador em sugerir o uso de bicicletas no Rio, ignorando a situação de intranquilidade provocada pela violência.

7. Texto III

Maria Cora

Uma noite, voltando para casa, trazia tanto sono que não dei corda ao relógio. Pode ser também que a vista de uma senhora que encontrei em casa do comendador T. contribuisse para aquele esquecimento; mas estas duas razões destroem-se. Cogitação tira o sono e o sono impede a cogitação; só uma das causas devia ser verdadeira. Ponhamos que nenhuma, e fiquemos no principal, que é o relógio parado, de manhã, quando me levantei, ouvindo dez horas no relógio da casa.

Morava então (1893) em uma casa de pensão no Catete. Já por esse tempo este gênero de residência florescia no Rio de Janeiro. Aquela era pequena e tranquila. Os quatrocentos contos

de réis permitiam-me casa exclusiva e própria; mas, em primeiro lugar, já eu ali residia quando os adquirir, por jogo de praça; em segundo lugar, era um solteirão de quarenta anos, tão afeito à vida de hospedaria que me seria impossível morar só. Casar não era menos impossível. Não é que me faltassem noivas. Desde os fins de 1891 mais de uma dama, – e não das menos belas, – olhou para mim com olhos brandos e amigos. Uma das filhas do comendador tratava-me com particular atenção. A nenhuma dei corda; o celibato era a minha alma, a minha vocação, o meu costume, a minha única ventura. Amaria de empreitada e por desfastio¹. Uma ou duas aventuras por ano bastavam a um coração meio inclinado ao ocaso e à noite.

Talvez por isso dei alguma atenção à senhora que vi em casa do comendador, na véspera. Era uma criatura morena, robusta, vinte e oito a trinta anos, vestida de escuro; entrou às dez horas, acompanhada de uma tia velha. A recepção que lhe fizeram foi mais cerimoniosa que as outras; era a primeira vez que ali ia. Eu era a terceira. Perguntei se era viúva.

- Não; é casada.
- Com quem?
- Com um estancieiro do Rio Grande.
- Chama-se?
- Ele? Fonseca, ela Maria Cora.
- O marido não veio com ela?
- Está no Rio Grande.

Não soube mais nada; mas a figura da dama interessou-me pelas graças físicas, que eram o oposto do que poderiam sonhar poetas românticos e artistas seráficos². Conversei com ela alguns minutos, sobre cousas indiferentes, – mas suficientes para escutar-lhe a voz, que era musical, e saber que tinha opiniões republicanas. Vexou³-me confessar que não as professava de espécie alguma; declarei-me vagamente pelo futuro do país. Quando ela falava, tinha um modo de umedecer os beijos, não sei se casual, mas gracioso e picante. Creio que, vistas assim ao pé, as feições não eram tão corretas como pareciam a distância, mas eram mais suas, mais originais.

Machado de Assis

Relíquias de casa velha. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1990.

Vocabulário:

1 desfastio – apetite, desejo

2 seráficos – místicos

3 vexou, envergonhou

Observe as formas sublinhadas em:

Morava então (1893) em uma casa de pensão no Catete. Já por esse tempo este gênero de residência florescia no Rio de Janeiro. Aquela era pequena e tranquila. (l. 11-14)

ESSE, ESTE e AQUELA são formas empregadas como recursos de coesão textual. Indique a classe gramatical a que pertencem essas palavras e justifique a escolha de cada uma no trecho de acordo com a respectiva função textual.

8. Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo. Raramente se dão ao trabalho de prestar contas quando erram. Quando o fazem não é decerto com a ênfase e o destaque conferidos às poucas previsões que acertam.

(Marcelo Leite, *Folha de S.Paulo*.)

a) Reescreva o trecho “Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo”, iniciando-o com “Embora os jornalistas...”

b) No trecho “Quando o fazem não é decerto com a ênfase (...)”, a que ideia se refere o termo grifado?

9. Leia a charge de Chico e a tira de jornal de Chris Browne e destaque o jogo linguístico que cada autor utilizou para enfatizar determinada produção de sentido.

Observação

“Ali Babá e os quarenta ladrões” é um dos clássicos da literatura infantil ricamente ilustrado e em cores. Babá: apelido do deputado João Batista Oliveira de Araújo (PSOL- PA)



Gabarito

1. Recolheria os ossos do dito cachorro a uma urna de madeira preciosa, depois de tê-los desenterrado quando fosse tempo idôneo.

Expressões de adição, como *além disso*, *ademaís*, *também*, poderiam substituir *item* neste contexto.

Será preciso que lhe apeguem muito as mãos, com força – a força dos parabéns.

2. Dentre outras possibilidades de resposta:

a) “Andando por aí, de bobeira

Andando por aí a esmo

b) “ mas foi olhando pra o professor que pensei que pra um inglês resolver mexer com negócio de teatro...”

“ mas foi olhando para o professor que pensei que para um inglês desejar trabalhar com teatro...”

c) “pra sempre minha Aninha ta no topo de uma enorme lista”

Para sempre minha Aninha está no primeiro lugar de uma enorme lista 4 “hoje tão aí”

Hoje estão velhos e sem banda.

Não me lembro mais do seu rosto...

a) Não lembro mais o seu rosto...

3. Algumas ausências de conectivos (preposições e/ou conjunções) e de pontuação estão em sintonia com a linguagem telegráfica e com a urgência de João encontrar Dalva. As repetições (“João telegrafista”, “nunca mais que isso”, “a bater a bater sua única tecla”, “procurar procurar Dalva” ou “urgente”) contribuem para a caracterização da vida de João limitada a duas motivações: o seu ofício de telegrafista e a procura de Dalva.

4. A

O uso das reticências nos versos de Paulinho da Viola reforça a interrupção sucessiva dos turnos de fala dos interlocutores da canção. Isso confirma que a conversa entre eles foi extremamente apressada, pois ocorreu durante os poucos segundos em que se encontraram parados diante de um “Sinal fechado”, sem que conseguissem expressar de maneira completa tudo o que desejavam.

5. a) ..., com a qual lidamos hoje

b) ..., da qual dependemos hoje.

É aquela velha história: se você coloca coisas caras em casa, vai precisar pôr trancas nas portas e grades nas janelas.

6. (Estratégia semântica) O emprego do verbo “inventar” com sentidos diferentes, mas em ambos os casos, com valor positivo: nos três primeiros quadros, “inventar” tem o sentido de criar, descobrir; no quarto, o verbo “inventar” destaca que a revista *Época* só publica o que é verdadeiro, sem mentir, sem criar (Pode haver ainda uma referência ao pleonasmo: nunca/nada”).

(Estratégia de sintaxe de colocação) A antecipação do adjunto adverbial de tempo, enfatizando a idade de alguns dos principais inventores de nosso tempo, nos três primeiros quadros. No quarto quadro, uma pessoa aos dez anos tem como uma das características a idealização de fatos, a fantasia; a revista, ao contrário, embora jovem, não distorce os fatos. (Pode haver ainda uma referência à pontuação após os nomes dos inventores e da revista; bem como a referência a inventores ligados à comunicação.)

7. Pronomes demonstrativos.

Esse: refere-se ao ano de 1893, mencionado no início do trecho.

Este: refere-se a *uma casa de pensão*, mencionada em seguida.

Aquela: retoma uma informação: uma casa de pensão no Catete.

8. a) “Embora os jornalistas não devessem fazer previsões, fazem-nas (= eles as fazem ou eles fazem-nas) o tempo todo”.

b) O pronome oblíquo grifado “o” é um anafórico que tem como referência a ideia: dar-se “ao trabalho de prestar contas” dos erros que eles cometem.

9. O chargista atualiza determinadas informações presentes na memória popular e, através da pontuação, desconstrói o título do livro “Ali Babá e os quarenta ladrões” e traz para o presente uma leitura crítica da realidade que o cerca.

Ao desconstruir o título, produz uma outra frase em que o substantivo próprio “Ali” passa a advérbio de lugar “ali” e Babá funciona como o vocativo; a continuação da fala de natureza exclamativa sugere que naquele espaço se encontram quarenta ladrões